



VOTO DE PESAR N.º 1

“Até logo Isaura Borges Coelho”

Há oito meses dissemos:

- Até logo!

Era uma tarde fria de Novembro

uma tarde como qualquer outra

gente regressando a casa do trabalho

lancheiras malas rugas profundas no rosto.

Se houvesse malas de mão

para a saudade a desventura

não havia malas no mundo que

[chegassem...

Era uma tarde fria de Novembro.

Não sei se alguém sorriu

do beijo que trocámos.

- Até logo - disseste.

Depois passaram oito meses

os meses mais compridos que tenho

[encontrado.

Que pensamentos levava comigo?

Sei que disseste «até logo»

E era como se levasse as tuas mãos

Abertas sobre o meu peito.

Pensava

que só nas despedidas breves

por horas

se dizia «até logo»

como a alguém que parte

«boa viagem»

Partido Comunista Português



*ou ao nosso companheiro
«bom trabalho».*

*Mas já passaram oito meses
duzentos e quarenta dias
cinco mil e setecentas horas.*

*Porque disseste
«Até logo»?[*

*Se eu não soubesse
aprenderia que na minha pátria
os namorados dizem «até logo»
e estão meses anos
por vezes não voltam mais.*

*Fecham-nos
atrás de grades de ferro
espancam-nos
matam-nos devagar
e não permitem que apareçam
«logo».*

*Amiga
o ódio que trago armazenado
destas noite de insónia e abandono
dou-o à luta.*

*Mas temos que sofrer
sofrer deveras.*

*Até que um dia
Os homens cantarão livres como
[os pássaros
os namorados beijarão sem pressa
e as palavras «até logo»*



quererão dizer simplesmente

«até logo» [*]

[*] *Os oito meses transformaram-se em dez anos. Poema dedicado a Isaura escrito pelo companheiro quando ambos foram presos* IN www.jornaltornado.pt/isaura-borges-coelho

Faleceu Isaura Assunção da Silva Borges Coelho, reconhecidamente uma das grandes figuras da resistência ao fascismo e da luta das mulheres pela democracia, liberdade e igualdade de direitos em Portugal.

Nascida em Portimão, em 1926, cedo revelaria a sua coragem e amor pelo próximo. Tinha 11 anos quando, na Praia do Vau, salvou de afogamento uma menina um ano mais velha. Aos 16 anos, na passagem de nível da estrada de Monchique, saltou para a linha de comboio, despindo a blusa vermelha para dar o alerta, conseguindo evitar o embate da automotora contra uma mula e a carroça, o que lhe valeu um processo judicial.

Entre 1949 e 1952, frequentou a Escola de Enfermagem Artur Ravara. Começou a exercer a profissão no Hospital dos Capuchos. As condições de trabalho eram árduas, as enfermeiras obrigadas a turnos de 12 horas, que iam muitas vezes até às 24 horas, e a trinta velas de 12 horas, com apenas uma folga semanal. Cedo Isaura se colocou à frente da sua luta pela melhoria das condições de trabalho e dos cuidados de saúde nos hospitais.

Quando doze das suas colegas enfermeiras do Hospital Júlio de Matos, foram despedidas, por terem casado sem autorização, encabeçou um abaixo-assinado a Salazar, ao Cardeal Cerejeira e ao Enfermeiro-mor dos hospitais. Recolheu centenas de assinaturas para exigir a liberdade de casamento para as enfermeiras. (A proibição do casamento das enfermeiras só terminaria, depois de longa luta, com a publicação do Decreto nº 44923, de Março de 1963).

Adere ao Movimento de Unidade Democrática (MUD). Em 1953, durante a campanha para as eleições para a Assembleia Nacional, quando se dirigia para a sede do MUD Juvenil (aos Anjos, Lisboa) é presa juntamente com outros jovens, posteriormente libertados. Ficou em prisão preventiva por dinamizar o ‘movimento das enfermeiras’.

A ‘casamenteira’, como jocosamente a PIDE a apelidava, foi sujeita ao regime de isolamento, brutalmente espancada e arrastada pelos cabelos, na presença do seu advogado, dr. Lopes Correia, também violentamente agredido pela PIDE. A marcação do julgamento desencadearia um amplo movimento de protesto, tendo sido distribuídos panfletos e tarjetas contra a prisão arbitrária e a violência, exigindo-se ‘Liberdade para Isaura’ nas paredes de Lisboa.

Em Junho de 1954, o MUD Juvenil, num dos seus comunicados, denunciava a situação em ‘Com Isaura Silva, no banco dos réus, estão as enfermeiras e a juventude de Portugal’. No Tribunal Plenário, durante o julgamento, a PIDE ocupou a quase totalidade dos lugares do público, não conseguindo impedir que fosse saudada por muitos populares e recebido um cravo branco de uma enfermeira. Entre as testemunhas de defesa, estava o poeta Alexandre O’Neil, a escritora Maria Lamas, o engenheiro Veiga de Oliveira e Maria Isabel Aboim Inglês.



Passou quatro anos na prisão. Tinha sido condenada ‘apenas’ a dois anos de prisão maior, à perda de direitos políticos por quinze anos e a ‘medidas de segurança’ prorrogáveis, por ‘pertencer ao MUD Juvenil e fazer a sua apologia, por ter acusado a PIDE de infligir torturas morais e físicas aos presos, por ter exigido condições mínimas para o trabalho nos hospitais, por ter protestado contra o facto de as enfermeiras não poderem casar’. Chegou a pesar trinta quilos, esteve às portas da morte, sendo internada nos hospitais de Santa Marta e de Santa Maria, onde colheu a solidariedade de médicos e enfermeiros. Ligada a este movimento das enfermeiras, foi também presa a sua irmã Hortênsia da Silva Campos Lima, casada com o advogado Manuel Campos Lima.

Libertada em 1956, a sua ação na resistência contra a ditadura fascista não abrandou. Foi-lhe fixada residência em Portimão, na casa dos pais. Era permanentemente vigiada pela PIDE, tal como os seus familiares e amigos. Após um ano de residência fixa, foi autorizada a regressar a Lisboa. Esteve em formação no Instituto Português de Oncologia, com o Professor Gentil Martins. Admitida na Liga dos Hospitais onde desenvolveu um trabalho muito elogiado, dela acabou por ser expulsa pelo almirante Henrique Tenreiro, que dominava a Liga, quando soube, pela PIDE, do passado de resistência antifascista de Isaura. Impedida de trabalhar nos hospitais públicos, com a ajuda do Professor Pulido Valente e do Dr. Pedro Monjardino, conseguiu trabalho numa clínica particular. Só depois de muito protestar e lutar, entrou no Curso de Puericultura e Partos da Maternidade Alfredo da Costa, sendo admitida como enfermeira eventual.

Após o 25 de Abril, recusou o cargo de enfermeira-chefe dos Hospitais Cívicos de Lisboa, mantendo-se como enfermeira de 2ª classe, na Maternidade Alfredo da Costa. Subiu a enfermeira de 1ª e a enfermeira-chefe. Tirou o Curso de Enfermagem Pediátrica e Saúde Infantil. Exerceu, até à reforma, o cargo de enfermeira-chefe do Serviço de Prematuros da Maternidade Alfredo da Costa, onde foi igualmente delegada sindical dos enfermeiros.

Viria a casar no Forte de Peniche com António Borges Coelho, que estava a cumprir pena de prisão, onde esteve seis anos, seis meses dos quais em total isolamento. Deste casamento nasceria a única filha de ambos. Isaura Borges Coelho foi delegada sindical das enfermeiras na Maternidade Alfredo da Costa, até se reformar. Foi ainda militante do PCP e sócia da URAP.

Foi condecorada, em 2002, com a Ordem da Liberdade, concedida pelo Presidente Jorge Sampaio. Em Dezembro 2018, foi galardoada pelo Município de Portimão com o título de cidadã benemérita e com a Medalha de Honra.

Neste sentido, e na sequência da presente proposta da eleita do Partido Comunista Português (**PCP**), a Assembleia de Freguesia do Lumiar, reunida em sessão ordinária no dia 2019-06-26, delibera:

1 - Manifestar o seu profundo pesar pelo falecimento de Isaura Assunção da Silva Borges Coelho, guardando um minuto de silêncio.

2 - Apresentar as suas mais sentidas condolências, e a solidariedade perante a dolorosa perda, à sua família.

Mais delibera:



- remeter a presente deliberação à família, à URAP, à Ordem dos Enfermeiros, ao Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, à Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara, à Maternidade Alfredo da Costa e divulgá-la nos habituais locais públicos de estilo, incluindo o Boletim @Lumiar e sítio web da Junta de Freguesia. Juntar à acta aprovada em minuta.

Assembleia de Freguesia do Lumiar, 26 de Junho de 2019

Teresa Maria Reis Roque

**APROVADO POR MAIORIA, COM 15 VOTOS A FAVOR, 0 CONTRA E 4
ABSTENÇÕES**